

ABRIL, 2018

MUDA MEU MUNDO: COMO AMPLIAR O ACESSO À ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E SEM AGROTÓXICOS PARA TODAS AS CLASSES SOCIAIS?¹

TAJLA MEDEIROS²

Com a motivação inicial de mudar a alimentação de crianças em situação de pobreza, as irmãs Déborah e Priscilla Veras fundaram o Muda Meu Mundo para fortalecer a agricultura familiar e promover o comércio justo em Fortaleza (CE).

1 Caso elaborado a partir de fontes publicadas e entrevistas com as empresárias Déborah e Priscilla Veras. Revisão ortográfica e gramatical pela Discovery – Formação Profissional Ltda. – ME.

2 Gestora da base de estudos de caso do Sebrae Nacional, é formada em Comunicação Social – Jornalismo e mestranda em Design de Informação.

© 2018. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae
Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

INFORMAÇÕES GERAIS

Em contexto de importantes setores políticos e econômicos a favor da manutenção da agricultura convencional, o Muda Meu Mundo capacitava agricultores familiares para produção agroecológica e promovia a comercialização justa dos produtos em feiras, eliminando a figura do atravessador. Fundado em 2016 pelas empreendedoras Déborah e Priscilla Veras, o negócio ainda buscava sustentabilidade financeira e impactava diretamente 35 famílias e uma cooperativa composta por dez mulheres no primeiro ano de existência. Em 2017, foi reconhecido por três prêmios relacionados a empreendedorismo de impacto. A meta era apoiar diretamente ao menos 400 famílias e dez cooperativas de mulheres até 2020.



AS SÓCIAS DÉBORAH E PRISCILLA VERAS.

INTRODUÇÃO

Otimizando conhecimentos, experiências e parcerias

A experiência profissional das sócias do Muda Meu Mundo foi a chave para o negócio social.

Priscilla era licenciada em Pedagogia com ênfase em supervisão escolar pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). A empreendedora havia atuado por dez anos na **Compassion International**, Organização Não Governamental (ONG) de desenvolvimento de crianças e adolescentes, onde foi facilitadora de parcerias e gerente de projetos.

“O trabalho na Compassion é muito importante. Mas me inquietava as crianças terem alimentação saudável na ONG, e comida com pouca qualidade quando iam para casa”, contou Priscilla, falando de sua motivação para fundar o Muda Meu Mundo.

Já Déborah era formada em Secretariado Executivo pela Universidade Federal de

Pernambuco (UFPE) e tinha bastante experiência na área de administração e finanças. Além disso, estava atuando há cerca de oito anos com trabalhos voluntários, em organizações como **WWF Brasil, Novo Jeito e Compassion**.

Motivadas para mudar o mundo e possuindo conhecimentos complementares, as duas irmãs começaram a trabalhar a questão da soberania alimentar por meio da implantação de hortas urbanas em Fortaleza, mas perceberam que era preciso ir à raiz do problema. “A questão da soberania alimentar não dependia da quantidade de hortas urbanas, mas do fortalecimento da agricultura familiar”, contou Priscilla.

Começaram, então, a estudar mais sobre negócios de impacto e sobre a agricultura familiar no Ceará. Com experiência em consultoria para projetos sociais e programas socioeducativos no Nordeste, Priscilla não teve dificuldade para se inserir entre os produtores rurais. “Um grupo foi

apresentando o outro e fomos entendendo as necessidades deles”, contou.

Pesquisando e entendendo o problema

“Os produtores agrícolas familiares não eram capacitados, não tinham competitividade. Ficavam à mercê dos atravessadores, que chegavam a comprar um produto por oito e vender por quarenta reais. Assim, perdia agricultor e perdia consumidor”, relataram as sócias.

As sócias perceberam necessidade de melhoria não apenas na distribuição, mas também na produção dos alimentos. “Não bastava que a produção fosse sem agrotóxicos. Era preciso preservar o solo, a água e garantir a diversificação”, contou Priscilla.

Nesse processo de contato com os agricultores, as parcerias foram fundamentais. Destacaram-se a com a Agência de Desenvolvimento Econômico Local (**ADEL**), que tinha foco no protagonismo juvenil das comunidades rurais; e com o Centro de

Educação Popular em Defesa do Meio Ambiente (**CEPEMA**). Com esse último, a parceria foi focada em projetos de liderança feminina para sustentabilidade e soberania alimentar.

CONTEXTO DO PROBLEMA

Efeitos nocivos dos agrotóxicos e o potencial do mercado orgânico

O Brasil vinha ocupando o espaço de um dos maiores consumidores de agrotóxicos desde 2009. De 2000 para 2012, houve crescimento de 288% no uso. Em 2014, o faturamento da indústria de agrotóxicos no Brasil havia sido de US\$ 12 bilhões.¹

Havia crescido, também, o número de pesquisas que indicavam os diversos efeitos nocivos desses compostos químicos. De acordo com estudo da Organização das Nações Unidas (ONU),² os pesticidas eram responsáveis por 200 mil mortes por intoxicação aguda a cada ano. O estudo

também associou a exposição crônica aos pesticidas a algumas formas de câncer, como Alzheimer e Parkinson. Sobre os danos do agrotóxico, destacavam-se, ainda, os **estudos do Instituto Nacional do Câncer (INCA)** e os do **Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA)**.

A rejeição aos agrotóxicos levou ao crescimento da demanda e da produção de orgânicos, principalmente nos Estados Unidos. No país que era o maior consumidor e o maior produtor de orgânicos do mundo, a gigante Walmart havia adquirido, em 2017, a Whole Foods Market, considerada, então, a maior rede de varejo de orgânicos e produtos naturais de todo planeta, em uma transação de US\$ 13,4 bilhões.³

No Brasil, o mercado de orgânicos também vinha crescendo, com projeção de 20% ao ano no período de 2014 a 2017.⁴ No mesmo ano, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) registrou 16 mil produtores orgânicos cadastrados, sendo cerca de 75% agricultores familiares. Mas

ainda faltava muito: pesquisa do Conselho Brasileiro da Produção Orgânica e Sustentável (ORGANIS, 2017) verificou que apenas 15% dos brasileiros consumiam produtos orgânicos – para referência, esse número era de 82% nos Estados Unidos. A alegação para o não consumo havia sido, principalmente, o alto preço; além da falta de interesse e de local para compra. Para o diretor da ORGANIS Ming Liu, “para chegar um dia aos números dos Estados Unidos, precisamos conscientizar e educar o consumidor, valorizar o trabalho local e garantir a segurança dos produtos”.⁵

Os lados da moeda

Na defesa dos agrotóxicos estavam, principalmente, os grandes produtores e exportadores de produtos primários, representados, no Congresso Nacional, pela bancada ruralista. Desde 2002, haviam colocado em tramitação vários Projetos de Lei que buscavam alterar a Lei Federal nº 7.802/1989, que tratava do tema dos agrotóxicos.

As principais críticas dos pró-orgânicos aos Projetos de Lei, que chamavam de “pacote do veneno”, eram: a proposta de mudar a nomenclatura de agrotóxico para defensivo fitossanitário; o fim da propaganda específica; a possibilidade de registro de substâncias cancerígenas; e o fim da necessidade de aprovação do agrotóxico pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Já os ruralistas alegavam que as medidas visavam modernizar a legislação; e diminuir o número de instâncias de aprovação, reduzindo a apenas um órgão de controle – que seria criado.

Em reação, movimentos populares organizaram-se em torno da campanha “Chega de agrotóxicos”, pela aprovação do Projeto de Lei nº 6.670/2016, que instituía a **Política Nacional de Redução de Agrotóxicos** (PNaRa). Destacava-se, ainda, a **Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida**. Os movimentos eram apoiados por instituições como Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Fórum

Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) e Greenpeace.

Enquanto o conflito em torno dos agrotóxicos aparentava estar longe de se resolver, o debate foi ampliado com o conceito de agroecologia. Questionava-se não só o uso de agrotóxicos, mas a monocultura e seus impactos socioeconômicos; as diversas formas de degradação do solo, como as queimadas; a poluição das águas; o impacto do uso de fertilizantes químicos no efeito estufa; a relação da produção rural com o sustento e a alimentação das comunidades rurais, entre outros temas. Regulada pela **Lei nº 10.831/2003** e pelo **Decreto nº 6.326/2007**, a agricultura orgânica era produzida sem modificação genética, produtos químicos sintéticos ou artificiais. Já no debate da agroecologia, questionava-se, por exemplo, a agricultura convencional e as práticas de monocultura.

Embora ainda não houvesse certificação para a produção agroecológica, a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Agência

Nacional de Agroecologia (ANA), a Organização e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) estudavam e divulgavam o tema. A apresentadora e *chef* de cozinha Bela Gil ficou famosa pela defesa da alimentação saudável e da produção agroecológica e ajudou a dar visibilidade ao tema à população. “A gente parou de diversificar o campo. A gente devasta e planta uma, duas ou três monoculturas e isso acaba afetando o modo como a gente consome, como a gente come”.⁶ A ONU também entendia que a agroecologia era chave para erradicar a fome e buscava levar o tema em suas campanhas e eventos sobre o combate à fome. Era demanda da Organização “novo tratado global para eliminar gradualmente o uso de pesticidas perigosos na agricultura e avançar em práticas agrícolas sustentáveis”.⁷

No Ceará

De acordo com o Diário do Nordeste, Adriano Custódio, secretário executivo da Comissão da Produção Orgânica (CPOrg), entendia que os maiores desafios para a produção orgânica

no Ceará estavam no alto custo da certificação, visto que não havia entidades certificadoras no estado. Também entendia que havia poucos locais de comercialização direta, em comparação com outras regiões do país.⁸

No estado, em 2013, a multinacional Delmonte Fresh Produce foi condenada a pagar indenização por danos morais e materiais, além de verbas trabalhistas, pela morte do trabalhador rural Vanderlei Matos, contaminado pela exposição crônica a agrotóxicos na Chapada do Apodi, em Limoeiro do Norte.⁹ Para contar a história das vítimas de intoxicação por agrotóxicos na atividade agrícola, o jornal Diário do Nordeste possuía série especial.

SOLUÇÃO

Capacitação para produção agroecológica

Com a implantação de métodos de produção agroecológica nas propriedades apoiadas, o

Muda Meu Mundo buscava a diversificação da produção, a renovação do solo e o reaproveitamento da água. “Nossos produtos não são apenas livres de agrotóxicos, mas de exploração humana, comercial e animal”, contou Priscilla. O aumento da retenção da água nas plantações e a criação de banco de sementes eram uns dos temas trabalhados no programa de desenvolvimento agroecológico da empresa. Além disso, os produtores eram capacitados em noções administrativas sobre o negócio.

O fortalecimento das famílias agricultoras, por meio de visitas, diagnósticos e capacitações, era um dos principais investimentos de tempo e recursos financeiros do Muda Meu Mundo. “Nós visitamos e conhecemos agricultores de todos os lugares do estado e criamos uma rede de formação para diversificação, escalonamento e melhoria da produção”, contou Priscilla.

Embora o Muda Meu Mundo possuísse técnicos especialistas em permacultura e sistema agroflorestal, a chave para as

transformações pretendidas no campo era o conhecimento prático e profundo da comunidade rural. “Temos um relacionamento próximo com os agricultores. Conhecemos mais que suas plantações, mas seus amigos, suas famílias, seus sonhos”, relataram as sócias.

Além das visitas a campo, o Muda Meu Mundo estava em constante contato com os agricultores por WhatsApp. “O grupo também é importante para que eles troquem experiências entre si”, contou Priscilla.

Produtora, mãe, irmã e cidadã: abordagem holística de cliente e produtor(a)

O Muda Meu Mundo possuía uma abordagem holística do ser humano, em que tanto cliente quanto produtor eram vistos como um ser humano integral. “Não fazia sentido apenas o produto chegar às feiras. Se as famílias agricultoras não estavam bem, se os filhos dos produtores estavam cheios de piolho, tinha alguma coisa errada”, contou Priscilla.

A abordagem era coerente com o conceito de agroecologia, em que o que importava não era apenas a qualidade do alimento, mas também os impactos humanos, sociais e ambientais que ele gerava. Ou seja, não importava só o que se comprava, mas de quem era comprado e como aquilo havia sido produzido.

Em uma das ações com essa abordagem, o Muda Meu Mundo realizou uma vivência sobre *mindfulness*, em parceria com o Grupo Inspirar. Toda a renda arrecadada com a ação foi destinada para a compra de um presente de casamento para o “Seu Pelé”, agricultor familiar que finalmente havia realizado o sonho de casar na igreja, após 16 anos vivendo com a esposa. Quem participou, sabia de tudo. É como se o Muda Meu Mundo quisesse que o cliente soubesse que “aquela alface tinha uma cara”; que, de certa forma, carregava as emoções da família que a criou.

A própria vivência *mindfulness* foi uma forma de levar ao cliente a importância de se pensar

o ser humano como um todo: não era suficiente cuidar apenas da alimentação, mas também da mente. “A oficina levou a consciência do ser humano integral, da importância de se viver no presente”, contaram as sócias.



“O SR. ROBERTO CUIDA DE VOCÊ E VOCÊ CUIDA DO SR. ROBERTO. A ALFACE QUE VOCÊ COMPRA NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS LEVA RENDA, VALOR E ESPERANÇA AOS AGRICULTORES” – PRISCILLA VERAS.

Encontrando caminhos para a sustentabilidade financeira

Até 2017, quase toda a receita da empresa vinha da venda dos produtos nas feiras. Havia baixa margem de lucro sobre o produto: eram baratos para o cliente e retornavam valores justos para os agricultores familiares, equivalentes ao que era definido pela Central de Abastecimento (CEASA), com seu Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF).

Com o baixo volume de vendas, o Muda Meu Mundo ainda não havia alcançado o ponto de equilíbrio. Muitas vezes, recorreriam a *crowdfunding* para levantar dinheiro para elaboração das feiras. Para mudar o cenário, as empreendedoras estavam investindo em diferentes frentes. Além dos produtos *in natura*, vendiam produtos artesanais, como molhos de tomate 100% natural, sem açúcar ou conservantes, e bolos de banana sem açúcar. A manufatura também fazia parte da estratégia de desperdício zero.



GELEIA DE MELANCIA, ÓLEO DE COCO E MOLHO DE TOMATE. "O MOLHO DE TOMATE ESTAVA VIRANDO REFERÊNCIA" – PRISCILLA VERAS.

Com a Cepema, o Muda Meu Mundo também estava buscando formas de agregar valor às entregas, por meio de criação de certificação para os produtos. Com o Sebrae, elaborava estratégia para a entrega de cestas *delivery* para empresas. Além disso, a entrega do conhecimento também era forma de monetização pela empresa: palestras em eventos sobre sustentabilidade e cursos de horta urbana eram uns dos exemplos. "É muito legal levar os agricultores aos eventos e palestras para que eles possam passar seu conhecimento", contou Priscilla.

RESULTADOS DE NEGÓCIO

Reconhecimentos e premiações

Ainda abaixo do ponto de equilíbrio, o Muda Meu Mundo almejava estabilizar uma margem de lucro de 35% a 45%. “Nosso lucro estará na quantidade de venda, nos cursos e produtos prontos, e não no superfaturamento dos nossos produtos”, relataram as sócias.

Além do Prêmio Incluir 2017, o negócio havia conseguido outras duas premiações, que eram uma forma de cancelar a viabilidade do negócio e dar visibilidade, atraindo possíveis investidores. Com o Muda Meu Mundo, Priscilla foi uma das vencedoras do **Prêmio Citi Jovens Microempreendedores**, promovido pela Aliança Empreendedora em abril de 2017. Em setembro, ganhou prêmio para jovens empreendedores da região da América Latina e do Caribe (**Young Entrepreneur of the Year**), promovido por Youth Business International (YBI) e Inter-American Development Bank (IADB).

No mesmo ano, a empresa também foi convidada para ser incubada nas instalações de *coworking* do **Hub Inovação Nordeste (Hubine)**, iniciativa do Banco do Nordeste que apoiava empreendimentos que criassem soluções para a economia regional.

RESULTADOS SOCIAIS

Segurança alimentar, melhor nutrição e agricultura sustentável

Até 2017, o negócio impactava diretamente cerca de 35 famílias e uma cooperativa com dez mulheres, com perspectiva de treinar, no curto prazo, mais 50 famílias de agricultores e dois grupos de mulheres, em quilombos e assentamentos do estado. A meta era, até 2020, ter ao menos 400 famílias e dez grupos de mulheres diretamente apoiados.

Também planejava implementar indicadores para medir o impacto, como: análise do melhoramento do solo e da evolução das técnicas de armazenamento de água; análise

do surgimento de agroflorestas e de outras questões relativas a queimadas do solo, umidade da terra e uso de coberturas orgânicas nas plantações. As sócias estudavam, ainda, formas de medir o desenvolvimento socioeconômico das famílias participantes.

O Muda Meu Mundo estava, principalmente, alinhado com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2 – acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável. “Não se trata apenas de levar os orgânicos às feiras. Buscamos a soberania alimentar do Ceará”, relataram as sócias.



FEIRA AGROECOLÓGICA DO MUDA MEU MUNDO.

**Vencedora Incluir 2017 na categoria
“Mulheres de Impacto”**



facebook.com/mudameumundo/

NOTAS DE FIM

¹ Fonte: Dossiê ABRASCO, 2014.

² Informações do relatório da relatora especial da ONU sobre o direito à alimentação, Hilal Elver, e o especialista das Nações Unidas para os direitos humanos e substâncias e resíduos perigosos, Baskut Tuncak.

³ Informações divulgadas pela New York Times.

⁴ Dados do OrganicsNet (2017).

⁵ LIU, Ming. “Qual o tamanho do mercado de orgânicos no Brasil?”. **Revista Globo Rural**, 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2017/07/qual-o-tamanho-do-mercado-de-organicos-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 de março 2018.

⁶ Odara, Norma. “Bela Gil: ‘Agroecologia é a única forma de comida sem veneno no prato de todo mundo’”. Brasil de Fato, 16 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/16/bela-gil-agroecologia-e-a-unica-forma-de-comida-sem-veneno-no-prato-de-todo-mundo/>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

⁷ ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Agroecologia é a chave para erradicar a fome na América

Latina e Caribe, afirma FAO. **ONU**, 3 de julho de 2015.

Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/agroecologia-e-a-chave-para-erradicar-a-fome-na-america-latina-e-caribe-afirma-fao/>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

⁸ Barbosa, Honório. Produção de orgânicos é crescente no Estado do Ceará. **Diário do Nordeste**, 8 de julho de 2017.

Disponível em:

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/producao-de-organicos-e-crescente-no-estado-do-ceara-1.1784315>>. Acesso em: 20 de março de 2018.

⁹ JÚNIOR, Melquíades. TRT mantém decisão que condena multinacional. **Diário do Nordeste**, 14 de novembro de 2014. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/trt-mantem-decisao-que-condena-multinacional-1.1150525>>. Acesso em: 20 de março de 2018.